

# **"Nossa casa era o chapéu": o nomadismo como elemento de identidade e o processo de fixação de ciganos em São João do Paraíso (MA)**

*"Our house was the hat": nomadism as an  
element of identity and the process of fixing  
gypsies in São João do Paraíso (MA)*

**Janeide da Silva Cavalcante<sup>1</sup>,  
Wellington da Silva Conceição<sup>2</sup>**

**1.** Mestranda em Sociologia (UFMA) e pesquisadora do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações (LATPOR-UFT). **janeide.cavalcante@hotmail.com**

**2.** Doutor em Ciências Sociais (UERJ), professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações da Universidade Federal de Tocantins (LATPOR-UFT). **wellingtoncs@uft.edu.br**

## **Introdução**

Há uma forte presença de ciganos na cidade de São João do Paraíso, na região Sul do estado do Maranhão, fato esse que marca o contexto histórico e social desse município. A primeira autora do texto nasceu e reside nessa cidade, e a presença desse grupo sempre a inquietou<sup>1</sup>. Desde criança escutava

---

**1.** Essa inquietação resultou em uma pesquisa, materializada no meu Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Sociais (Universidade Federal de Tocantins), cujo título era Ciganos em São João do Paraíso-Ma: De andadores a moradores, defendido em julho de 2018, e orientado

falar sobre eles, sendo muitos dos comentários cheios de preconceitos. Também ouvia classificações já conhecidas, que os definiam como “povos de costumes nômades” ou como “povos de fora” (como não sendo da cidade), percepções essas que foram lentamente alteradas à medida que estes passaram a fixar moradia na cidade e se casaram com pessoas da região. O que acontece em São João do Paraíso não é exclusivo: no geral, quando falamos em ciganos, logo temos uma representação estereotipada que os reduz a nômades, leitores de mão, dados a danças, músicas e vestes exóticos, comerciantes e até mesmo trambiqueiros. Suas histórias de origem e suas práticas culturais são para muitos e desconhecidas. Existe assim, uma representação de que estes são diferentes, enigmáticos e até perigosos.

O presente artigo traz resultados da investigação em torno da identidade dos ciganos na supracitada cidade e como esta está relacionada a uma série de estereótipos que marcam a sociabilidade desses agentes com os demais cidadãos. Nossa pesquisa ocorreu com os ciganos que estão hoje em dia numa condição de “moradores”<sup>2</sup> na cidade de São João do Paraíso. Procuramos ainda compreender as razões que fazem com que um grupo que se identifica como de nômades assuma a condição de morador e os motivos que o levou a fixar moradia. A partir da pesquisa realizada, pudemos ver como os ciganos, em uma condição de moradores, buscam uma estabilidade social e respeito moral, algo difícil de se conquistar na condição de andadores, já que sempre sofrem preconceitos por onde passam.

Optamos neste trabalho por dar voz a estes atores, onde possam falar sobre seus modos de vida e formas de se organizarem. Os ciganos talvez sejam, dos grupos étnicos no Brasil, o menos conhecido e pesquisado<sup>3</sup>, apesar de terem

---

pelo Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição, que me acompanhou no processo de investigação. A pesquisa continua em curso, no mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (Campus de Imperatriz).

**2.** Categoria utilizada pelos mesmos para indicar um processo de fixação ou para identificar aqueles fixados/originários de um determinado local. Em contraste, apresentam a categoria “andador”, ou seja, aquele que é adepto do nomadismo e decide não fixar moradia.

**3.** O Movimento Cigano está ensaiando seus primeiros passos: existem várias organizações ciganas

aumentado estudos na graduação e pós-graduação sobre estes. Eles ainda são os que tem menos políticas assistenciais. No senso comum, a maioria das pessoas desconhecem estes povos e sua cultura, reduzindo-a aos estereótipos já citados.

Quanto à metodologia, o principal método foi o recurso a entrevistas, apoiado pela observação direta na convivência com duas famílias ciganas que moram na cidade. Nas entrevistas, buscamos entender principalmente o que motivou eles a fixarem moradia, pondo em ênfase como, na condição de moradores, eles continuam praticando sua “ciganidade”, já que para muitos a definição de cigano está estritamente relacionada ao nomadismo.

## 1. Contexto histórico e social dos ciganos e dispersão pelo mundo

Ciganos, Roma<sup>4</sup>, entre outras denominações, estes povos receberam. Os povos assim chamados ciganos têm sua origem rodeada de incertezas: narrativas, hipóteses e lendas a respeito de onde e como estes surgiram e o que os levaram a migrarem. Não havendo nada escrito e nem documentos que narrem suas histórias, sua tradição e língua é transmitida pela oralidade. Os pesquisadores da temática não têm chegado a um consenso sobre a origem dos ciganos, pela confusão proposital que eles, como informantes, fazem em seus relatos (PEREIRA, 2009).

O que se sabe são especulações, mitos e histórias acerca de seu surgimento. Os próprios ciganos, se perguntados sobre suas origens, poderão trazer várias versões a respeito. Muitos ciganos afirmam que sua origem está no Egito antigo. Mas, de acordo com Frans Moonem (2011), a história destes povos

---

mas apenas com atuação local ou regional, e nenhuma que representa todos os ciganos brasileiros. Somente em 2006 o governo instituiu o dia 24 de maio como o Dia Nacional do Cigano, mas esqueceram de informar a imprensa e os estabelecimentos de ensino, como também os próprios ciganos. Sem exagero algum, pode-se afirmar que os ciganos constituem a minoria étnica menos conhecida, e talvez por isso mais odiada e discriminada do Brasil. (MOONEM, 2011, p.5)

**4. Rom**, substantivo singular masculino, significa homem e, em determinados contextos, marido; plural **Roma**; feminino **Romni** e **Romnia**. O adjetivo **romani** é empregado tanto para a língua quanto para a cultura.

não vai muito além de um milênio. Existem documentos de um monge grego, de 1050, no qual o imperador de Constantinopla solicita a ajuda de feiticeiros e adivinhos chamados Adsincani, e estes seriam – provavelmente – os antecedentes dos ciganos, sendo este o primeiro registro conhecido a respeito desses povos e tal nome um dos primeiros utilizados. Daí em diante, estes teriam começado a migrar e a receberem diferentes nomes por onde passavam. A partir de estudos da língua ciganas, alguns pesquisadores chegaram a seguinte conclusão sobre a sua origem:

Todas essas explicações carecem de dados científicos convincentes e só sobrevivem até o século XVIII, quando, por meio da etnolinguística, Stephan Valyi provou ser o romani – a língua dos ciganos, que é somente oral – aparentado ao sânscrito. Os etnólogos e antropólogos reforçaram a teoria da Índia como terra de origem dos ciganos, comparando o modo de vida, a capacidade espiritual (superstições de signos ocultos e cabalísticos), trajas, ofícios (músicos, ferreiros e adivinhos) e caracteres físicos dos ciganos com os da tribo nômade que há no Noroeste da Índia, os laubadies. Ainda por se comprovarem a casta e o grupo étnico a que pertenciam, de que região eram originários e as razões que os fizeram migrar (PEREIRA, 2009, p.23).

A partir daí a origem mais aceita sobre os ciganos é de serem originários da Índia, em que além da língua, também se assemelham na cor da pele, vestimentas, profissões, costumes e com as mulheres utilizando jóias e vestidos longos. Mas as críticas também surgiram, pondo em questão se a semelhança com uma língua é fator crucial para se definir sua origem indiana. Outro dado importante na história dos ciganos é a língua deles, o romani, que também foi fator de preconceitos, pois para muitos era apenas uma forma de enrolarem as pessoas. Só a partir do século XVI começou-se a compreender que se tratava de uma língua verdadeira e que merecia ser estudada (PEREIRA, 2009).

Enquanto para muitos os povos ciganos não tem uma história, uma pátria, eles estão resistindo e continuam a praticarem sua cultura e a se definirem como ciganos. Mas afinal o que são os ciganos? Para muitos pesquisadores

os ciganos são somente um aglomerado de grupos, divididos entre si, sem nenhuma coesão (PEREIRA, 2009).

Os ciganos são assim, apesar de toda complexidade em defini-los:

baseando-nos na definição antropológica de *índio* adotada no Brasil, definimos aqui *cigano* como *cada indivíduo que se considera membro de um grupo étnico que se auto-identifica como Rom, Sinti ou Calon, ou um de seus inúmeros sub-grupos, e é por ele reconhecido como membro*. O tamanho deste grupo não importa; pode ser até um grupo pequeno composto de uma única família extensa; pode também ser um grupo composto por milhares de ciganos. Nem importa se este grupo mantém reais ou supostas tradições ciganas, se ainda fala fluentemente uma língua cigana, ou se seus membros têm características físicas supostamente ciganas”. (MOONEM, 2011 p.21).

Os ciganos são assim um grupo étnico e a sua etnicidade é confirmada pela União Romani Internacional, reconhecida pela ONU a 28 de fevereiro de 1979 (PEREIRA, 2009).

Partindo da definição de Barth, sobre o que é um grupo étnico, podemos reafirmar que essa seria uma forma correta de classificar os ciganos. Segundo esse autor, um grupo étnico:

- 1 perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2 compartilham valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
- 3 constitui um campo de comunicação e de interação,
- 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH, 1998, p.189-190).

Como os demais grupos étnicos, os ciganos reconhecem seu pertencimento a um determinado grupo, compartilhem valores, crenças, costumes e um sistema de comunicação entre si. Desse modo os ciganos se conhecem e

firmam sua identidade cultural e social de grupo, denominando-se ciganos ou pertencentes há algum subgrupo, compartilhando valores culturais e identifi-cações comuns entre eles. E vem resistindo, apesar das inúmeras perseguições sofridas que os forçaram a migrarem.

Sobre a dispersão deste povo pelo mundo, assim como a sua origem, também é assunto de muita curiosidade e indefinição. Várias especulações e narrativas são formuladas a respeito, mas de fato, nada conclusivo. Como aponta Frans Moonem (2011).

Existem as mais diversas teorias sobre quando saíram da Índia, mas em geral admite-se que foi somente a partir do Século 10, ou seja, apenas uns mil anos atrás. Ou então, o que é bem mais provável, que ocorreram várias ondas migratórias, em épocas diferentes, talvez até de áreas geográficas diversas, e por motivos dos mais variados. Também não se sabe como eles então se identificavam a si mesmos, ou como eram identificados pelos outros, e provavelmente nunca o saberemos. Os próprios ciganos nunca deixaram documentos escritos sobre o seu passado e muitos ciganólogos informam que os ciganos, em geral, não têm a mínima ideia sobre suas origens e, o que é pior, nem demonstram interesse em saber de onde vieram os seus antepassados. (MOONEM, 2011, p.12).

Com as migrações vem os preconceitos e perseguições a estes povos em vários países. A história dos ciganos é marcada por políticas anticiganas, com leis e decretos que os forçavam a migrarem. Em alguns países da Europa foram tidos como “raça maldita” e “demônios”, sendo associados a “mendigos” e “bandoleiros” e a sua língua tida como “estranha”, como um artifício para enganar. Sua dispersão pelo mundo se deu muitas vezes de forma forçada e as vezes também por vontade própria, mas o que se pode evidenciar é que estes povos sofreram ao longo dos anos políticas anticiganas que os forçavam a mudarem de lugares (PEREIRA, 2009).

O século xx não foi fácil para os ciganos, pois estes novamente passaram por perseguições. Desta vez pelo nazismo alemão e pelo franquismo espanhol, onde milhares de ciganos foram dizimados. Na Espanha, durante guerra civil,

a guarda civil não dava trégua aos ciganos (entre outros grupos), torturando-os e fuzilando-os (PEREIRA, 2009). O franquismo ocorreu na Espanha, tendo por líder o general Francisco Franco – este movimento foi uma modalidade de fascismo em que os conceitos de nação e raça sobrepõem os valores individuais, sendo exercido de forma ditatorial. O Nazismo sob a liderança de Hitler também seguia esta mesma linha de raciocínio em busca de uma raça pura. O líder nazista provocou o holocausto de Judeus e Ciganos na Alemanha.

As políticas anticiganas são responsáveis pela vinda destes para o Brasil, pra onde foram mandados quando expulsos de Portugal. Frans Moonem(2011), ressalta que os ciganos foram indesejados em todos os lugares que passaram, e assim foram expulsos por políticas anticiganas, feitas por leis que os obrigavam a partirem. Os países europeus mandaram os ciganos para as suas colônias da América e da África, como faziam com todos aqueles que consideravam escória, por serem improdutivos e perturbadores de sua organização social (PEREIRA, 2009).

Em 15 de abril daquele ano, foi expedida comunicação de Lisboa para o governador de Pernambuco, apoiando-se no decreto já mencionado de Sua Majestade. Informa-se o embarque de ciganos para aquela capitania, mas parte dos quais deveria ser remetida depois para o Ceará/Brasil, e outra parte para Angola/África. Também devia-se tomar cuidado para que nenhum cigano ficasse em Pernambuco, e aos governadores do Ceará e de Angola recomendou-se que não deixassem os ciganos retornar a Portugal, nem permitissem o uso de sua língua, chamada também de geringonça. (TEIXEIRA, 2008, p.16)

Assim, sendo colônia de Portugal, eles eram mandados para o Brasil. Já em terras brasileiras, eles chegam com o estigma<sup>5</sup> que carregavam na Europa: ladrões, de língua estranha (que era uma forma de enrolar as pessoas), e por

---

**5.** Estigma é um conceito de Goffman (2004), é um atributo que diferencia pessoas, grupos de outros, um atributo que é profundamente depreciativo, uma característica que marca alguém nas relações sociais, esse atributo é assim uma “identidade Social”.

isso lhes puseram sob vigilância. Os ciganos logo foram se espalhando pelas várias regiões e cidades do país. Percebendo que muitos ciganos vivem no Brasil, nos diversos estados brasileiros, a pesquisa que se desenvolveu mostra aqueles presentes em uma pequena cidade no Maranhão. Adentraremos agora no cenário em que a pesquisa se realizou. A seguir, falaremos a presença cigana na cidade de São João do Paraíso.

## 2. Ciganos em São João do Paraíso-Ma

A cidade de São João do Paraíso localiza-se no Sul do Maranhão. Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia- IBGE (2017) a população estimada de São João do Paraíso é de 10. 977 habitantes, tendo a área territorial de 2.053,843 km.

Os ciganos começaram a chegar na cidade quando esta ainda era um povoado do município de Porto Franco-Ma. Chamavam a atenção com uma linguagem diferente e com suas vestimentas e adereços exóticos para a população local: cordões de ouro, chapéus, as mulheres com vestidos longos, mulheres e homens utilizavam dentes de ouro. Logo se diferenciaram dos demais habitantes, provocando - em um primeiro momento - um distanciamento causado pela estranheza e falta de informação sobre aqueles que chegavam no local. Sendo um município pequeno, a presença dos ciganos poderia desestabilizar a tranquilidade da pequena cidade.

Nobert Elias & John L. Scotson, em *Os estabelecidos e os Outsiders*, trazem uma etnografia de uma cidade no interior da Inglaterra, onde havia os *estabelecidos* que eram as pessoas que estavam na cidade já há muito tempo e os *outsiders*, que eram recém chegados, um grupo de fora. Apesar desses dois grupos de pessoas não terem diferenciação racial, étnica ou religiosa havia por parte dos estabelecidos uma constante diferenciação com os recém chegados *outsiders*, onde os atribuíam características ruins, tais como delinquência e violência.

Esta análise de estabelecidos e outsiders se torna pertinente para se pensar a presença dos ciganos na cidade, mesmo sendo esses marcados pela diferença étnica. Estes - quando recém-chegados - também eram *outsiders*, contrapondo-se aos moradores, os estabelecidos da cidade. Desta forma “repetidamente,

contata-se que outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros” (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.27). Isso também ocorreu com os ciganos recém-chegados na cidade: os moradores os viam com desconfiança, tinham-nos como indisciplinados e não confiavam neles. Isso está presente nos depoimentos dos ciganos sobre a sua chegada na cidade e a relação inicial com os moradores.

O primeiro grupo a chegar foi da família do cigano conhecido como Tenda<sup>6</sup>, que ainda reside na cidade e junto com Cabelo foram nossos principais interlocutores. Chegaram no ano de 1960, quando São João do Paraíso ainda era povoado de Porto Franco. Este veio com os pais e irmãos. Quando chegou aqui ele ainda “era um rapaz”, com menos de 15 anos, hoje tem mais de 60. Seus pais já faleceram. Seus irmãos, alguns casaram com moradores e tiveram filhos. Ele teve filhos também - já sendo morador - e sua mulher também é cigana.

Segundo o Tenda, a vinda para a cidade se deu por que venderam suas casas. “Vida de cigano”: vendiam e compravam casas, viviam andando até parar na cidade citada. Quando perguntei por que ficaram, me disse que “o Paraíso é muito bom. Muitos ciganos foram embora daqui e estão arrependidos. Aqui é uma terra muito boa”. Tenda ainda destacou que quando chegaram na cidade sofreram rejeição por parte da população. Segundo o mesmo, quando iam nas casas ninguém os recebia: “ninguém nos dava rancho”. Mas aos poucos foram começando a ter amizades com alguns moradores, que passaram a recebê-los.

Depois veio a família do cigano conhecido como Torselha, família esta que já foi embora da cidade, assim como muitas outras. Mais tarde veio a família do cigano conhecido como Cabelo. Este chegou a cidade após a emancipação da mesma. Vivendo no local a cerca de 20 anos, Cabelo veio para a cidade com seus pais e irmãos, hoje está com mais de 45 anos de idade, é casado com uma mulher cigana e teve filhos já estando morador. Segundo o próprio, “a vinda para a cidade foi a passeio e decidimos ficar por ser uma cidade boa”. Ao questionar a que grupo cigano pertencia, o Cabelo falou ser “cigano, cigano mesmo”, não reconhecendo ser de nenhum dos grupos étnicos como Calon, Rom ou Sinti. Mas se autodomina cigano.

---

6. Os nomes apresentados são fictícios, para preservar a identidade e privacidade dos interlocutores.

Mais tarde, em um encontro que não foi marcado (já que a cidade é pequena e é muito comum o encontro com eles), um cigano parente do Tenda falou que era “Cigano Calon”. E ainda contou ser parente de todos os ciganos que residiam na cidade e que todos são calon. Essa informação não nos foi passada na entrevista, pois quando perguntados sobre o grupo ao qual pertenciam, estes apenas se declaravam ciganos.

Sobre o início da vida na cidade o Cabelo declarou que, quando chegaram, tinham uma má fama. Todos achavam que eram ladrões, trambiqueiros e a população em geral tinha receio deles. Disse ainda que aos poucos foram vendo que eles não eram assim, mas que antes não podiam entrar em uma loja pois ninguém confiava neles, mas que isso hoje mudou. Segundo o Cabelo, “isso ocorria por que os ciganos de primeiro daqui entravam no comercio e roubavam tudo. E hoje isso já mudou, graças a Deus”.

A partir da fala do Cabelo, podemos ver como se esquivava das acusações que são postas aos ciganos na cidade sem negá-las: ele passa a acusação para os outros ciganos, retirando de si tais estereótipos muitas vezes direcionadas ao seu grupo e imputando-o a indivíduos. Esta estratégia de retirar os estigmas sobre si, é apontada por Conceição (2018).

A esses sujeitos (ou grupos) especificamente são endereçadas todas as acusações que são ou podem ser remetidas à coletividade, como uma estratégia de purificação da imagem. Chamo essa prática de reendereço do estigma. (CONCEIÇÃO, 2018, p.259)

Reendereçar o estigma é uma forma de retirar de si aquilo que marca de forma negativa e limpar a imagem social, e criar uma outra moral frente a sociedade, buscando tirar de si algo que marca seu grupo, a fim de buscar uma nova construção de uma identidade étnica (aos ciganos) como pessoas boas, que não tem os estereótipos atribuídos a maioria dos seus.

Muitos ciganos já foram embora, como é o caso da família do Torselha, e segundo os moradores da cidade, muitos outros ciganos já estiveram por ali. Dos que estiveram e dos dois grupos que ainda estão, apresentam-se distinções.

Segundo as entrevistas, eles não mantêm entre si vínculo algum, seja de parentesco ou de amizade. Apesar de estarem no mesmo município, não costumam manter relações entre si.

Percebendo a presença cigana na cidade, “a ação comunitária assim originada costuma manifestar-se, em geral, de modo puramente negativo, como diferenciação ou desprezo, ou, ao contrário, com medo diante dos patentemente distintos” (WEBER, 1999, p.267). Há então um certo desprezo pelo diferente, onde se formulam representações sobre os ciganos, que os afastavam mais ainda de firmar relações próximas com a população da cidade.

Há desprezo e até medo por parte da população paraense, pois os ciganos carregam consigo os estereótipos que tem desde as perseguições na Europa, onde são considerados bandidos, trambiqueiros e vagabundos (MOONEM, 2011). Em São João do Paraíso estes tinham os mesmos estigmas, sendo apontados como responsáveis por todos os roubos que aconteciam na cidade. Quando entravam em uma loja, sempre tinha um funcionário que ficava olhando e acompanhando seus movimentos. Também eram considerados valentes que não tinham medo de briga, e que quando um entrava em uma briga, todos os ciganos também entravam.

Sendo as representações sobre os ciganos estereotipadas, na cidade de São João do Paraíso eles sofreram e ainda sofrem preconceitos por parte da população local. Sendo estes indesejáveis, marcados por estereótipos que os ligam a uma vida errônea, são vistos como uma “ameaça” a suposta tranquilidade do lugar.

Ter uma língua diferente, praticar a quiromancia e o nomadismo é tido por muitos como uma vida errada e errante. Esses grupos são rejeitados de forma ativa pela população hospedeira, em razão do comportamento ou de certas características inegavelmente condenadas. Pudemos perceber na fala dos ciganos entrevistados o estigma e estereótipos remetido a estes povos na cidade, e que quando nela chegaram eles sofriam ainda mais, que aos poucos eles foram fixando-se e tendo uma relação maior com a população local, fato que fez com que eles criassem uma relação de “amizade” com alguns moradores da cidade.

### 3. De andadores a moradores

As duas famílias, tanto a do Tenda como a do Cabelo, informaram que viviam andando antes de fixarem moradia na cidade. Segundo o Cabelo, seu pai já viveu em acampamento e ele morou em algumas cidades. Tenda falou que até chegar na cidade que mora não tinha endereço fixo: “Nós não morávamos não, nossa casa era o chapéu, só viajando no meio do mundo. Viajando pelo mundo de animal, comprando, vendendo e trocando”. Isso também foi ressaltado pelo Cabelo: “cigano é assim, que andava muito de jumento pelos sertões. A vida deles era andar, era assim: a mulher paria e o filho já ia pra cima do jumento, caminhando já, caminhando pelo mundo. Não tinha local certo para eles não”. Algo que o Cabelo enfatizou nas primeiras entrevistas é que “ser cigano é ser andador”.

Desta forma o passado nômade é algo que marca a cultura cigana e é capaz de construir seus modos de vida. As duas famílias falaram que antes de fixar moradia, viviam andando, e os dois relembram esta definição e esse fato da vida nômade, eles recorrem a narrativas contadas para falar sobre a sua cultura. A definição de cigano está relacionada a vida de andador, algo que marca sua origem e dispersão pelo mundo. O passado nômade é algo recorrente no processo identitário aos ciganos, pois quando falam sobre o que é ser cigano já remetem a essa característica. Acreditam inclusive que sua origem está no nomadismo, pois assim eles se espalharam pelo mundo, vieram para o Brasil e para a cidade em que vivem.

Quando os ciganos chegaram na cidade eles se fixaram em bairros que não tinha nenhuma casa, onde eram os primeiros moradores, sendo esses bairros periféricos, longe do que na época poderia se considerar o centro da cidade.

Deste modo, percebe-se que o local em que eles se fixam na cidade eram bairros distantes da população em geral, e que carregavam consigo a marca cultural, pois foram chamados de “setor dos ciganos” ou “bairro dos ciganos”. A família do Cabelo, quando chegou aqui, foi morar no “Setor Castro”, como é conhecido hoje o bairro onde eles fixaram moradia. Este bairro quase não tinha moradores, e para muitos, foram os ciganos os primeiros moradores do bairro. Chegando aqui, a primeira casa da família de Cabelo foi um barracão, logo depois construíram uma casa. De acordo com o próprio: “Na época que eu

cheguei aqui esse bairro... foi mais eu que construí ele. Ajudei muito, fiz várias casas. Quando cheguei aqui, morava em uma barraca. Comprei um terreno e comecei a construir e vender”.

Sua fixação em uma residência não demorava. Ele construía uma casa e vendia, mostrando uma espécie de nomadismo mesmo na cidade em que resolveram se fixar. Colocamos que ele construía pois normalmente trabalhavam na obra, como apontou o Cabelo: “Quando vamos construir uma casa, nós mesmos somos os pedreiros”. Com as vendas das casas o “setor dos ciganos”, começava a ter moradores vindos das outras partes da cidade.

Hoje, Cabelo fixou moradia em uma casa só, segundo ele “foi desejo da minha mãe, essa casa eu tirei pra não vender”. A organização da sua família no bairro é algo que nos chamou a atenção. Pois segundo o próprio, “nesse bairro moram todos nossos parentes, por que minha mãe quer nós todos por perto. Até hoje minha mãe faz a comida para todos. Meu irmão sai da casa dele pra vir comer aqui. Aqui são 4 irmãos, meu pai, minha mãe e os filhos. Mais de 20 ciganos, quase 40”.

Uma outra indagação que tínhamos era saber o porquê deles residirem nesta cidade. Segundo o Cabelo foi por ela ser uma cidade boa, e que não pretende ir embora. O Cabelo é natural do Piauí. Segundo ele, sofreu muito trabalhando desde pequeno. Seu pai já morou em acampamento, mas ele mesmo não. Já passou por muitos lugares até chegar em São João do Paraíso.

Os familiares do Tenda, quando chegaram, também se fixaram em um bairro que simbolizava o “fim” da cidade. Compraram um terreno e construíram sua casa, começaram a construir outras casas e a vender: “Morei em vários bairros, porque quando eu fazia um ‘barraquim’ e achava um dinheirinho a mais, vendíamos. Fiz mais de 15 casas. Fui quietando até me tornar morador” (Tenda).

A emancipação da cidade foi em 1994, ou seja, o seu crescimento também se deu com a fixação e expansão dos ciganos no seu território. Eles foram se fixando e expandindo ao tempo que o município foi se formando e firmando como cidade. Assim, os ciganos são pessoas presentes desde a sua formação, por isso o Cabelo e o seu irmão Barba receberam o título de “cidadão paraense”, pelas contribuições com a cidade. A partir das relações que foram traçadas

nesta urbis, eles se sentem como grandes colaboradores do desenvolvimento da mesma. Tanto o Tenda como o Cabelo ressaltaram que contribuíram para o crescimento de São João do Paraíso, principalmente pelas casas construídas.

Com o passar dos anos os ciganos foram se fixando e passaram a ter uma relação maior com os habitantes da cidade. Começaram a ter casamentos entre ciganos e Gajon<sup>7</sup>, e talvez seja este um dos fatores que somou para a sua maior fixação. A união interétnica entre Gajon e ciganos mostrava como os últimos estavam fixando-se e como a união e a relação deles com a cidade tornava-se mais amigável. Mas cabe ressaltar que não a ponto de eliminar os preconceitos e romper com os estereótipos e estigma.

Cada cultura tem uma lógica própria e as mudanças que ocorrem, mostram como a cultura não é estática, está sempre em mudanças (SANTOS, 1987; LARAIA, 2004). Por muitos anos, os ciganos viviam uma vida andando pelo mundo, e como já apontado, por onde passam geralmente são indesejados e sofrem preconceitos. Passavam pouco tempo no lugar, pois muitas vezes eram expulsos. Diante das dificuldades de uma vida andando, dos preconceitos e na busca por uma vida mais estável estes mudam de andadores para moradores. Essa mudança de padrão de vida em grupos étnicos é apontada por Barth (1988), onde este destaca que;

[...] vimos vários exemplos de como indivíduos e pequenos grupos, em razão de circunstâncias políticas e econômicas específicas em suas antigas posições e em meio ao grupo assimilador, podem eventualmente mudar sua localidade, seu padrão de subsistência, sua forma de alinhamento político, ou pertença a um grupo familiar. (BARTH, 1988, p.208).

Eles mudam de andadores (nômades) em razão de tais circunstâncias. O “estar morador” aparece como uma condição de estabilidade social, buscando um valor, uma moral e também não correr riscos de vida, pois como já apontado, a cultura cigana resistiu as várias formas de violências imposta pelo preconceito às minorias étnicas. Desta forma, eles mudam e vão se adaptando ao lugar que estão vivendo. Pode-se perceber a mudança de andador a morador

7. Gadje, Gajon do roamani (Língua cigana), que significa não-ciganos.

não como perda da cultura cigana, mas sim como mudança, algo comum quando se fala de cultura, já que ela não é estática (LARAIA, 2014). Assim, os ciganos que hoje residem em São João do Paraíso-Ma, apontam estar em uma condição de moradores, ou seja, fixados em moradias.

Os ciganos costumam chamar moradores os outros, a população local. Morador é uma categoria nativa aos ciganos, que eles utilizam também para designar pessoas que tem endereços fixos nas cidades. O Cabelo, ao definir morador, fala que “morador é você”, se referindo a pesquisadora nativa. O Tenda, em uma das entrevistas disse: “Jurin é morador, são vocês. Quando que-remos falar de algum morador falamos aquele Jurin, que quer dizer morador”.

A mudança de andadores para moradores é apontada pelos ciganos entrevistados como algo positivo. Eles começaram a buscar por essa organização social a fim de ter melhores condições de vida e pelos sofrimentos que uma vida nômade trazia, como já foi apontado.

Segundo o Cabelo, “os ciganos de primeiro sofriam muito, era caminhando pelo mundo, e hoje todo mundo é proprietário, tem casa, tem carro, tem dinheiro”. Quando questionamos sobre a vida nômade e a vida como morador ele colocou que “Eu acho que é por que de primeiro os ciganos não se importavam. Só queriam andar pelo mundo, e hoje tem filhos. Tem cigano doutor, tem cigano vereador, tem tudo”. Ele destaca que, estando moradores, os ciganos conseguiram alcançar cargos importantes, e que tem uma maior visibilidade social, ocupando posições e espaços que antes não ocupavam.

Segundo o Tenda “quando viemos para o Paraíso ficamos moradores e fomos plantar roça. Trabalhei em fazendas, plantando”. Tenda relata como era difícil a vida de nômade: “porque nós viajavamos demais, pegando chuva, passando fome, pedindo rancho nas casas e o povo não dava. Sofríamos muito preconceito, as pessoas não queriam nos receber”.

Os dois relatam as dificuldades que passaram em uma vida andando, e que a vida como moradores trouxe uma estabilidade maior, uma tranquilidade e oportunidades, tais como de emprego. Também, como apontou uma cigana parente do Tenda, de “poder colocar os meninos na escola”. Estando moradores, ainda, é possível conquistar uma maior estabilidade financeira, não passando mais tantas dificuldades como pôde se evidenciar nas falas acima.

Essa é uma das grandes mudanças apontadas por eles na cultura cigana, como destaca o Cabelo “De primeiro os ciganos eram de jumentos, agora são de carros e motos”. Eles apontam o estar morador como uma mudança que ocorreu em sua cultura, pois antes a vida dos ciganos era andar pelo mundo.

Para justificar essa mudança, Cabelo argumenta: “Como moradores conquistamos um valor maior do que quando andávamos pelo mundo. Olha, é só falar aqui quem é o Cabelo cigano que todo mundo conhece. Quando cheguei aqui e entrava dentro das lojas os donos falavam para as empregadas ‘ei olha lá os ladrões’, nos chamavam de ladrões. Aquilo ali estava quase me matando”.

Tenda também apresenta algumas outras vantagens: “Estando moradores estamos em uma situação muito melhor. Nós agora comemos no horário, antes não”.

Os dois apontam o estar morador como possibilidade de terem uma vida melhor, e que aos poucos foram conseguindo ter um maior respeito quanto a sua identidade étnica, que não tinham quando viviam andando por vários lugares. Acreditam que aos poucos vem conquistando mais ainda esse respeito frente aos preconceitos que os povos ciganos sofrem. A fixação como moradores possibilitou assim uma mudança na vida deles, enxergada de forma positiva. Na sua imagem também: os ciganos passam a ser conhecidos não como ladrões, trambiqueiros, mas sim como pessoas que são diferentes, mas que também são cidadãos e com uma boa índole moral.

As moradias em que os ciganos estão fixados são casas construídas, algumas com cerâmicas, outras não, algumas muradas outras não, casas grandes, que não se destacavam muito no bairro por serem luxuosas, mas se assemelhavam as outras casas de moradores que ali residem. Quanto a profissão dos ciganos que residem nesta cidade, eles continuam comprando e trocando, e outros trabalham plantando em suas terras, e vendendo animais como cavalos.

Desta forma mesmo estando moradores eles continuam firmando sua identidade étnica, sendo conhecidos no município por ciganos. Na cidade, o Cabelo é conhecido por “Cabelo cigano” e o Tenda por “Tenda cigano”. Eles mudaram de andadores para moradores, mudando um traço cultural que os marca. Pode-se evidenciar ainda que eles mudam um traço cultural mas não deixam de se sentirem menos ciganos por isso, já que as fronteiras de pertencimento ao grupo é o próprio grupo que define (BARTH, 1998).

## Considerações finais

A pesquisa mostrou como os ciganos que estão residindo em São João do Paraíso, se organizaram em moradias fixas e decidiram buscar uma estabilidade social, tentando acabar com os sofrimentos advindos de uma vida andando, e que a cada dia, como moradores, vem lutando para se livrarem dos preconceitos que a população em geral tem sobre eles. Mas, mesmo estando em uma condição de moradores e buscando uma boa sociabilidade com os não ciganos, continuam mantendo viva sua cultura, já que a cultura não é estática e permanece sendo uma identidade apesar das mudanças. Desta forma, pudemos compreender as mudanças que ocorreram com os ciganos e como, apesar delas, podem defender uma identidade diferenciada.

Além disso, cabe destacar que os ciganos que estão moradores em São João do Paraíso sentem-se como pessoas que contribuíram na formação e desenvolvimento do município. A fixação, expansão e movimentação deles na cidade (por exemplo, a construção e venda de casas) é algo que mostra a sua cultura como povo que troca, que muda. Como apontou um dos entrevistados, algo próprio do *ser cigano*, que costuma vender, trocar e construir, andar: fato que pode mostrar um modo “*nômade*” de estarem fixados na cidade.

Contudo, pode se destacar como os ciganos que vem povoando o país são desconhecidos pela população brasileira sofrendo vários preconceitos, assim como a maioria da população paraense desconhece quem são os ciganos e a sua cultura, e acaba por estigmatizá-los. Desta forma, conhecer os ciganos como um grupo étnico, com costumes, tradições pode auxiliar na sua compreensão e superação de preconceitos. As entrevistas e os momentos em que estivemos em contato com as famílias ciganas nos fizeram ver a riqueza cultural do seu povo, que sofreu e ainda sofre preconceito.

No mais, esse artigo traz um primeiro esforço em sistematizar dados de uma pesquisa ainda em continuidade, acreditando que muitas outras questões e análises sobre os ciganos de São João do Paraíso e suas interações poderão ser desenvolvidas na investigação em curso, que pretendemos divulgar em trabalhos futuros.

## Referências

BART, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Difel, 1998. P. 185-227.

BRASIL, governo Federal. **Povo Cigano**: relatório executivo. 2013.

CAVALCANTE, Janeide da Sillva. **Ciganos em São João do Paraíso-MA**: De andadores a moradores. Monografia (Ciências Sociais) -UFT, Tocantinópolis, 2018, 57p.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. **“Sossega, moleque, agora você mora em condomínio”**: segregação, gestão e resistência nas novas políticas de moradia popular no Rio de Janeiro. Curitiba: Appris, 2018.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo**: os ciganos na Europa e no Brasil. Recife: Texto mimeo, 2011.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura?**. Editora brasiliense 1987.

Souza, Mirian Alves de. **Ciganos, roma e gypsies**: projetos identitários e codificação política no Brasil e Canadá. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

TEIXERA, Rodrigo Corrêa. **História dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo de estudos Ciganos, 2008.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

**Recebido**: 28/01/2018

**Aceito**: 03/01/2019